



Cólera de Fogo, de Caio Fernando Nicolette

1º Edição

2023. Todos os direitos reservados.

“Esta é uma obra de ficção sem comprometimento algum com a realidade. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas será mera coincidência”.

É proibida a reprodução, parcial ou total, por quaisquer meios de conteúdo, desta edição, de acordo com a Lei 9.610 / 98;

Contém ilustrações originais do autor, devidamente assinadas.

CLUBE DE AUTORES



CÓLERA DE FOGO

Um romance de



Nota do Autor

Nossa história é ambientada em Barretos, nos anos 60. O entretenimento principal de toda região concentra-se na Arena Premium, onde toda a população vibra e se emociona com os rodeios.

Vários montadores impressionam. Mas ninguém é tão misterioso e habilidoso quanto o *Cólera de Fogo!* Um homem que se veste todo de preto e tem a habilidade de ficar pelo tempo que o público quiser sobre os touros - Ele está acostumado a receber desafios. E, sempre, no final de cada apresentação, deixa um rastro de fogo impressionante na arena. O rastro se apaga sozinho em poucos minutos, consumido pela areia. Como o homem faz isso, bem como sua identidade, é um mistério.

Dentre os personagens, teremos os conflitos entre os irmãos Thomas e Lucas. Thomas é mais velho, tem 29 anos. Lucas, 18. A mãe de ambos morrera no parto do caçula. Por conta disso, Thomas vive a culpá-lo. A rivalidade cresce quando ambos se apaixonam pela bela Ariel, uma forasteira que chega à Barretos para instalar-se com os pais e, consequentemente, recebe o cortejo de ambos.

Ambos os irmãos passam a disputar seu coração e também a atenção de toda a cidade, nos rodeios. Thomas é visivelmente melhor e mais experiente que Lucas, humilhando-o com frequência. De cara limpa, e principalmente diante do irmão, Lucas tenta mascarar suas habilidades, fingindo ser um montador principiante e falho. Mas o jovem guarda um segredo...

Quando todos saem de perto, ele veste seus trajes negros. Eleva seu estado de espírito a um nível sobrenatural. E se apresenta, como o Montador da Cólera de Fogo.

P E R S O N A G E N S

Lucas Albuquerque – O personagem principal, de 18 anos. É também o portador da identidade secreta do Cavaleiro da Cólera de Fogo.

Thomas Albuquerque – O irmão mais velho de Lucas, de 29 anos. Sente muita raiva do irmão por conta da mãe que morrera no parto.

Bastian Albuquerque – Pai de Lucas e Thomas. Vive sozinho com os filhos, e vive tentando apartar as brigas entre ambos.

Aparecida – Mãe de Lucas e Thomas. Morre ao dar à luz.

Ariel – Forasteira de 17 anos que chega à cidade de Barretos com a família. Passa a ser cortejada pelos dois irmãos.

Maria José – Mãe de Ariel. Faz gosto da união dela com Lucas.

Roger – Pai de Ariel. Instala-se em Barretos para tentar uma nova vida.

Juan – Melhor amigo de Lucas. Dá cobertura a ele nos rodeios.

Jonas – Melhor amigo de Thomas. Andam sempre juntos.

Francis – Outro amigo de Thomas, parece ser o mais inteligente.

.

Manoel – De todos os amigos de Thomas, o mais frustrado. Após algum tempo, decide bolar uma trama para matar o *Cólera de Fogo*.

James – Locutor dos rodeios, irmão de Roger, e também proprietário da maioria dos animais.

Berzebu Branco – O touro favorito de Lucas. É também o touro que o *Cólera de Fogo* sempre prefere montar, por ser o mais agressivo. Acaba condenado à morte.

F A T O S

Rodeio é uma prática recreativa que consiste em permanecer por até oito segundos sobre um animal, usualmente um cavalo ou boi. A avaliação é feita por dois árbitros cuja nota é de 0 a 50 cada; um árbitro avalia o competidor e o outro avalia o animal, totalizando a pontuação de 0 a 100. O rodeio divide-se em algumas modalidades, tais como touro, três tambores, sela americana, laço de bezerro e laço em dupla.

A prática é bastante comum no Brasil, nos Estados Unidos, no México, no Canadá, na Austrália e em mais alguns países da América Latina. O rodeio também é alvo de críticas, sustentando que a prática desrespeita os animais. O rodeio surgiu no Brasil por volta de 1962.



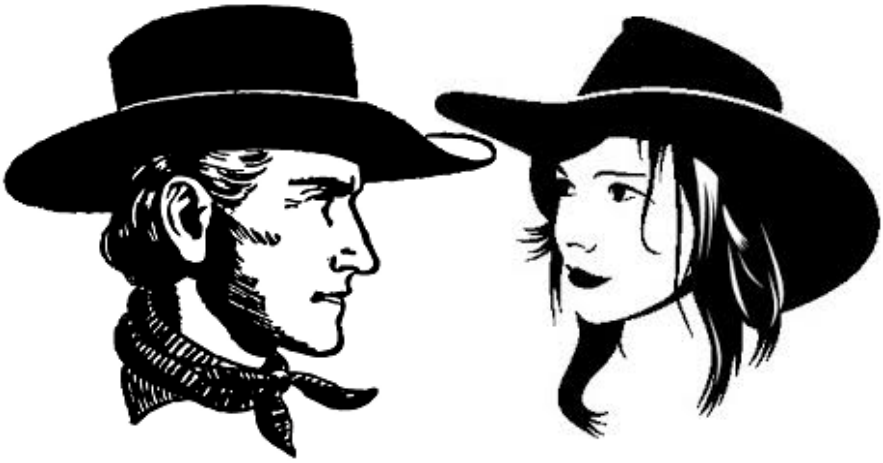
O fogo surge pequenino,
Como vaga partícula de luz
Em meio às trevas.
O fogo ganha forma,
Força e consistência.
Aumenta e queima na memória.

O fogo dança,
Diante dos olhos encantados que contemplam,
Mas que também choram.
O fogo faz surgir,
De maneiras sobrenaturais,
A água salgada. A lágrima.

O riacho salgado serpenteia.
A água surge tímida,
Das chamas que, mesmo depois de apagadas,
Deixam seus fantasmas.
A marca, a queimadura...
A lembrança daquela criança,
Que não tinha medo de brincar com o fogo.



Apresento um dos personagens principais:
Um animal. O Berzebu Branco.
Ele é agressivo, descontrolado e brutal.
Ao mesmo tempo, é o fio condutor.
Toda a história é por causa dele.



Primeira Parte

Fogo e Mistério



Capítulo 1
Um Talento Misterioso



Tudo começa em Barretos,
Interior de São Paulo,
Ano 1965;

O fogo surge pequenino, como vaga partícula de luz em meio às trevas. Ele cresce, aumenta e queima na memória.

Naquele tempo, dois fogos oriundos de uma mesma origem alastraram-se e consumiram um ao outro. Tornaram-se, aos poucos, uma única chama a queimar eternamente nos corações daqueles que puderam assistir ao espetáculo de faíscas e visões.

Os dois pequenos fogos surgiram primeiramente quando tudo se resumia a vasta e plena escuridão.

As duas chamas eram irmãs, partiam da mesma bruta natureza.

No entanto, uma anulava a outra; era necessário um equilíbrio entre os fogos para que ambos coexistissem. As chamas dividiam opiniões.

Aquela que queimava há mais tempo era, visivelmente, mais habilidosa. No entanto, a chama menor e azulada, aparentando sempre estar no fim, guardava alguns segredos.

Ora, quem poderia imaginar que a chama pequenina, em dado momento, iria explodir?

Dentro da menor das faíscas, dormia às sete chaves um extenso e gigantesco incêndio, como um mar de chamas. Estava aguardando o momento oportuno para despertar. O fogo deixava marcas na alma e também no corpo. Mas as queimaduras, de uma certa perspectiva, eram desejadas: Seriam exibidas, futuramente, como provas de coragem, tatuagens de honra. Já não havia razão para se temer o fogo.

Em um beco escuro, caminhava um ser misterioso. Roupas rústicas, chapéu de cowboy e um brilho estranho nas mãos. Caminhava em passos lentos em direção à arena, que já podia ser vista adiante. Então, ao seu redor, o homem sentiu presenças estranhas.

_ Ei, você aí... – Ecoou uma voz rouca.

_ É, você mesmo. Parado aí! – Chamou outro assaltante, emergido das sombras. Ambos estavam armados.

_ O que querem?

_ Mão na cabeça, caubói... – Ordenou um deles. O segundo então revelou uma corda e começou a girá-la no ar, como se fosse laçar sua vítima. Todavia, o homem não cedeu. Mesmo vislumbrando as armas, entrou em briga corporal com ambos. Caiu ao chão em poucos segundos, atingido por um disparo no ombro.

_ Malditos!

_ Não precisava de nada disso, seu calhorda. Apenas queríamos o brilho em suas mãos. – Apontou um dos bandidos.

_ Ora, não é nenhum dinheiro!

_ Nós sabemos... – Eles então aproximaram-se, removendo os pequenos papéis dourados das mãos daquele que acabavam de balear.

_ São ingressos para o *Cólera de Fogo*, não? Ele se apresenta hoje...

_ Isso mesmo.

_ Ótimo. Era o que queríamos. Precisamos ver se os boatos eram verdadeiros. Até mais! – Então, de posse dos ingressos, os bandidos correram noite adentro. A vítima permaneceu caída, sangrando e sem poder assistir ao rodeio daquela noite.

Os ingressos para assistir ao espetáculo eram muito disputados. Era como ter a oportunidade de assistir, em vida, uma passagem ou teatro sobrenatural. Um homem em trajes negros protagonizava o show, e suas origens eram desconhecidas. Com um laço avermelhado no pescoço, provocaria outro laço de fogo no próprio chão da arena. E, pelo tempo que o público quisesse, ficaria rodopiando acima dos touros.

O *Cólera de Fogo* jamais se permitia falhar. Nunca desejara tornar-se um super-herói ou algo do tipo. Mesmo assim, as pessoas admiravam, emocionavam-se e clamavam seu nome.

Levantou-se a poeira avermelhada do centro da arena. Diante do místico ser envolto em trajes negros, todos tiraram seus chapéus. A noite apresentava-se estrelada e fria.

Todos se aglomeravam na arquibancada, curiosos mediante o fenômeno que se espalhava pelos quatro cantos do mundo*: O Cavaleiro da Cólera de Fogo*. Era um homem misterioso, mascarado e com um lenço vermelho amarrado ao pescoço.

Dentre todos os peões, era aquele que aceitava quaisquer desafios da plateia. *Oito, dez, vinte segundos*. Ele permaneceria acima dos touros pelo tempo que a plateia desejasse.

Aos poucos começou a chover. Mas ninguém arredou o pé.

O misterioso cavaleiro montava touros e também cavalos. Não temia animal algum. Não temia adversário algum. Era mestre de seu próprio destino e de suas infinitas habilidades.

No centro da arena, perto do telão, havia uma gigantesca placa com a fotografia do *Cólera de Fogo*, anexada a uma famosa frase:

"Do atrito de duas pedras chispam faíscas; das faíscas vem fogo;
Do fogo brota a luz de sua infinita glória".
Victor Hugo

Todos adoravam o mistério, mas também sofriam com ele.

Algumas crianças contemplavam o *Cólera de Fogo* como se ele fosse um super-herói, e surgiam na arquibancada ao lado dos pais usando roupas negras e laços vermelhos na tentativa de imitá-lo.

O cavaleiro do fogo não usava nenhum tipo de ferramenta especial. Apenas uma máscara que lhe cobria o rosto, um pingente e o chapéu de cowboy.

_ Cadê o Cólera de Fogo, papai? – Perguntou uma criança.

_ Só no final. Primeiro tem os outros vaqueiros...

_ Ah, vou dormir então. Quando ele chegar, me acorde... – Todos os cavaleiros adentraram a arena. O espetáculo acabava de começar.

_ Pipocas, doces, caramelos...? – Ofereciam os vendedores ambulantes pela arquibancada.
_ Queremos o Cólera de Fogo!
_ Só no final.
_ E o que faremos aqui até lá?!
_ Curtam o show! – Em seguida algumas crianças abraçavam os pais e choravam.

Logo, a partir das peripécias do cavaleiro misterioso, as crianças já não temiam brincar com o fogo. Muitos meninos e até algumas meninas sonhavam em seguir os mesmos passos; todos queriam um abraço, um autógrafo ou qualquer referencial daquele que despertava tão intensas emoções;

Mas o Cólera de Fogo era evasivo.

Ele conseguia se apresentar e deixar a arena sem ser importunado por ninguém.